

SAÚDE

Homeopatia, 157 anos no Brasil

ANTONIO DE OLIVEIRA LOBÃO

A homeopatia, técnica terapêutica desenvolvida pelo médico alemão Cristiano Frederico Samuel Hahnemann, foi introduzida no Brasil no dia 21 de novembro de 1840, pelo médico francês Jules Benoît Mure, por isso comemora-se nesta data o Dia Nacional da Homeopatia.

De sua introdução no Brasil até esta data, a homeopatia teve altos e baixos, segundo os pesquisadores de sua história, e dentre eles não podemos deixar de citar a professora de Sociologia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Dra. Madel T. Luz, autora do Livro "A Arte de Curar versus A Ciência das Doenças", publicado pela Dynamis Editorial, São Paulo, 1996, considerado "um estudo histórico de caráter social, filosófico e antropológico".

Para escrever o referido livro, a professora Madel consultou, em profundidade, mais de 150 obras, além de inúmeros exemplares originais de jornais publicados nas diferentes épocas e pertencentes ao acervo de tradicionais bibliotecas do país. Por isso esta obra espelha a realidade da homeopatia no Brasil até o ano de 1990.

Sem tomar partido a favor da alopatia ou da homeopatia, a professora Madel identificou 6 períodos históricos da homeopatia no Brasil: 1) Implantação (1840-1859), 2) Expansão e Resistência (1859-1882), 3) Estagnação (1883-1900), 4) Aurore (1900-1930), 5) Declínio (1930-1970) e 6) Retomada (1970-1990).

Com a implantação da homeopatia no Brasil começaram as polémicas entre as duas técnicas de se tratar o homem. Os homeopatas prometiam, em apenas 3 meses, reduzir à metade o número de mortes na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Os alopatas combatiam os homeopatas como "...figuras indecifráveis de hábitos e moral duvidosos..."; paralelamente, entre os homeopatas disputava-se o pioneirismo e isto trazia, em consequência, a formação de diferentes grupos no seio da homeopatia. A polémica se dava geralmente pela imprensa, sendo o Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro, o veículo mais importante para os debates.

Neste período, os homeopatas fundaram a Sociedade dos Irmãos de São Vicente de Paula (vincintos) e trouxeram as irmãs de caridade de Portugal para o Brasil, com o objetivo de fornecer melhor assistência aos pacientes. Um fato importante, também, neste período é que, em 1857, Dr. Mello Moraes, notável homeopata brasileiro, enviou ao Uruguai grande quantidade de medicamentos homeopáticos para auxiliar aqueles pais a combater a febre amarela.

No período de expansão, os homeopatas conseguiram comparar a eficiência do tratamento homeopá-

tico com o allopático. O Jornal do Comércio, em 19 de março de 1876, publicou que na enfermaria da Ordem 3ª da Penitência foram tratados pela homeopatia 179 pacientes e pela alopatia 183. A mortalidade registrada foi de 18,99% na enfermaria da homeopatia e 31,62% na da alopatia. Frente à eficiência do tratamento homeopático, os profissionais da área da alopatia desistiram de aceitar outros desafios. Os gastos com as enfermarias homeopáticas eram muito menores do que os com as enfermarias alopáticas e, por pressões econômicas sobre o governo, as enfermarias homeopáticas foram fechadas.

O terceiro período da história da homeopatia começou em 1883, foi a estagnação, justamente depois de ter sido iniciada uma discussão, pelos jornais, entre o homeopata Dr. Murinho e um leitor que usava pseudônimo. Este leitor anônimo era, provavelmente, Dr. Pedro II, Imperador do Brasil, inimigo impetuoso da homeopatia, não entendia do assunto e se considerava um cientista, participando de todas as reuniões científicas no país. Dava a sua opinião e não aceitava ou ouvia réplicas.

Passado este período, a homeopatia entrou em ascensão vertiginosa. Os homeopatas combatiam a peste bubônica, eram criados ambulatórios, dispensários e enfermarias. A homeopatia foi reconhecida oficialmente.

A partir de 1940, entrou-se no período Vargas, da industrialização. Aos poucos foram sumindo os médicos-de-família. O novo mediador entre o médico e seu paciente será a indústria química-farmacêutica, que põe em cena como agentes o vendedor de remédios, representante dos laboratórios e o bulário, no lugar do antigo manipulador de substâncias e dosagens que avia o receituário médico.

O último período estudado teve início em 1970, é a retomada social da homeopatia como medicina alternativa. Neste capítulo, a autora faz uma análise do interesse do homem pelos tratamentos naturais, tendo comentários sobre a visão de um especialista allopático frente ao paciente, a visão de um ser fragmentado, como um conjunto de órgãos, fluidos, tecidos, moléculas e genes; esquecendo-se que ele: sente, deseja, pensa, sofre e age.

A visão total do paciente e sua relação com todo o universo é a que deve ter o verdadeiro homeopata, a que sempre foi defendida por Samuel Hahnemann, considerado o pai da homeopatia.

► **ANTONIO DE OLIVEIRA LOBÃO** é médico veterinário (UFMG), mestre (ESALQ/USP), homeopata (Ibebe-Unuerp) e pesquisador científico aposentado (IZS/USP).

CHARGE



EDITORIAL

Tempo a favor

ANTONIO LARA

A manutenção de um câmbio valorizado, em regime de abertura do comércio internacional e durante um período muito longo, tem a capacidade de reduzir o dinamismo das exportações como fonte de crescimento interno. Por outro lado, expõe as atividades produtivas nacionais a uma permanente concorrência de fluxos crescentes de mercadorias que chegam de todos os cantos do mundo, principalmente se as importações vêm financiadas com prazos e custos bem inferiores aos que podem ser oferecidos pelos produtores nacionais.

No início do Plano Real, ocorreu uma valorização muito forte da moeda nacional, o que foi altamente positivo para restabelecer a confiança nas funções básicas do sistema monetário, após um longo período de inflação crônica no País. Esta valorização inicial permitiu que se ajustasse parcialmente o câmbio durante estes três anos do Real, sem que houvesse nenhum sinal de expectativas inflacionárias formadas a partir de um possível choque de custos. Entretanto, por causa principalmente da abertura econômica e da estabilização, as nossas importações explodiram: em 1992, o volume total de importações oscilava em torno de US\$ 20 bilhões e, atualmente, ultrapassa a ordem dos US\$ 55 bilhões; enquanto isto, no mesmo período, o comportamento das exportações foi menos significativo.

O quadro atual da posição cambial não é satisfatório. Não é uma tarefa simples dimensionar o deslize do câmbio. Há problemas com a escolha dos índices de preços a serem adotados para o cálculo da desvalorização. É difícil delimitar o período inicial de comparação quando haveria uma possível posição de equilíbrio. Surge, também, a questão dos ganhos relativos de produtividade que os seto-

res exportadores teriam acumulado sob a pressão da concorrência externa. Finalmente, há as variações dos preços internacionais dos bens e serviços que compõem a nossa pauta de exportações e importações, as quais podem impor perdas ou ganhos exógenos à balança comercial, independentemente da política cambial do País. Enfim, é uma tarefa inglória e passível de insucesso toda tentativa de se estimar o grau de valorização do Real após uma mudança radical no regime monetário e nas condições da abertura econômica.

As projeções dos déficits em conta corrente, para 1997 e 1998, entretanto, mostram resultados pouco saudáveis para uma economia que já vivenciou tantas crises cambiais, principalmente quando se considera que o financiamento destes déficits tem de ser realizado com parcela expressiva de capitais de curto prazo, com componentes voláteis e especulativos. Exemplos das medidas financeiras e não-financeiras, recente, para maior controle das importações e das "práticas lesivas de comércio", assim como a aceleração de medidas de privatizações, de concessões e de desregulamentações que reduzam substancialmente os custos externos de exportadores.

Como estas medidas exigem tempo para gerar resultados que eliminem as chances de uma crise cambial, felizmente o tempo conta a favor do País, pois: a privatização dos setores de telecomunicações, de energia elétrica e de petróleo aportará grandes somas de recursos externos; a modernização do sistema produtivo nacional vai melhorando a competitividade de nossas exportações; a convergência dos preços dos serviços para uma baixa de inflação permite promover desvalorizações mensais não-traumáticas para as expectativas inflacionárias.

MEMÓRIA

Engraxates

LUDOVICO DA SILVA

Houve tempo em que os engraxates não pertenciam a nenhuma entidade. Trabalhavam livremente, cada um defendendo o pão de cada dia. Concentravam-se na praça central, onde a passagem constante de pedestres facilitava a formação de freguesia e uma razoável fêria no final da tarde.

Muitos garotos prestavam o serviço a domicílio, em razão, principalmente, do considerável número deles que locupletava os pontos centrais, assim como outros ficavam perambulando para baixo e para cima das ruas, em longas e cansativas caminhadas, do amanhecer ao cair da noite.

Os engraxates daqueles tempos tinham uma linguagem própria de comunicação. Entendiam-se e faziam troça de um ou outro freguês, que consideravam simpático. Da mesma maneira, trançavam prosa quando se tratava de alguém bem apossado e que ocupasse lugar de destaque na sociedade.

Pois bem. Passava uma pessoa e o engraxate oferecia seus serviços, com perguntas decoradas: "Quer engraxar, doutor, passar o pano, dar um brilho?"

Se desse tudo certo, tudo bem. Daí o garoto começava a trabalhar e em sua volta os colegas atentos, ligados à conversa.

Enquanto o freguês abria um jornal, recomendava ao engraxate para caprichar que à noite tinha festa.

Então, eles enunçavam as palavras de maneira invertida: "chá-prica momeis qu'ê tange nafi", isto é, capricha mesmo que é gente fina. "Cafi n'aus. Lede nhoga nagra ala". Fica na sua. Dele ga n'h o grana alta.

Se entendia ou não, o freguês continuava na leitura do jornal, mas de ouvido atento à prosa. Como não havia nada de mal, tudo bem. "Tá pronto doutor". E lá vinha a paga e mais alguns mimosos.

Já no banco ao lado, a conversa era na base da chacota. "Esse totuma é ume, saissade". Esse matuto é ume, sai dessa.

Os engraxates se entendiam, embora de vez em quando aparecesse algum chibante a provocar chiadeira, mas era colocado no devido lugar, sem muito malhilo.

As relações frequentes levavam o convivente a ser mais um participante da prosa estranha passado pouco tempo. Bastava antenar o assunto e logo era mais um ser do bode.

Bem, daí a coisa mudava de figura. O freguês encarava o assunto numa boa e interpretava a linguagem dos engraxates, mas não dava bandeira. Da despedida, pagava o serviço e, simplesmente, dava o troco de tudo o que havia ouvido.

Enquanto o freguês saía chateado, o engraxate era alvo dos colegas de uma longa casquinada.

FRASES

"A vida é cheia de obrigações que a gente cumpre, por mais vontade que tenha de as infringir deslavadamente"
Machado de Assis

"Mas o que é Deus, ninguém o entende, que a tanto o engenho humano não se estende"
Camões

CRÔNICA

Novembro

JAHYRA BOUCAULT ARRUDA

Novembro! Festivo e primaveril, deliciosamente vivido. Logo viria o Natal, a data mais bela da "criança antiga", alegre e feliz com o pouco e indiferente com a fartura e o muito que hoje não existe mais!

Naquele tempo não existia tanta maldade, tanta violência, e o nosso País era o melhor do mundo!

O chão era vermelho, saudável e brincava com os pés da gente. Os pés escorregavam nele e saíam lambezados de alegria, como a cara do menino que chupou manga no pé.

Novembro lembra antanho, fim de ano na escola, promessas molhadas de férias, campo incrivelmente verde, água de rio para os compridos banhos; viagens de automóvel, de charrete, a cavalo e até de caminhão e trator para as fazendas próximas, com vargens despojavadas de casas e de matas, pastos com juás amarelinhos e guabirosas pondo água na boca da criança que sorria à toa, com a singeleza das coisas simples da vida, na paradisíaca paisagem sertaneja.

Novembro, agora, sem poesia. O bravo quotidiano, o calor insuportável e a luta contra os pernilongos.

O asfalto, que nos libertou da poeira e das estradas ou ruas lamacentas, tirou-nos, ao mesmo tempo, esse gosto de chão de terra, o cheiro da terra chovida, depois das secas longas (o cheiro subia ao nariz da gente), lembrando as talhas de barro, novas, recebendo as primeiras águas. As talhas de barro com água cristalina de poço, que bebi numa infância feliz e despreocupada. Vejo-as ainda, numa cantoneira, num canto da cozinha grande.

Lembranças...
O fogão de lenha aceso dia e noite, esquentando a água das torneiras e o banho da criança feliz, cansada de brincar. Pés no chão, terra até nos cabelos.

Lembranças...
Mas deixa pra lá.
Novembro está aí...
Uma reflexão, sem nenhuma originalidade. E como o tempo galopa!

A mesma impressão, o mesmo susto, quando chegamos em Novembro.

Um enorme susto a gente acaba tomando a cada fim de ano que nos traz Novembro!

JORNAL DE PIRACICABA

• J.R. Losso (1939-1942)

• Eugênio L. Losso (1939-1974)

• F. Losso Netto (1939-1985)

• Diretora

• Antonietta Rosalina da Cunha Losso Pedroso

• Diretor

• José Rosário Losso Netto

• Diretor Executivo

• Lourenço Jorge Tayer

HÁ 30 ANOS

Caetano Veloso não se casa

"Mais de duas mil pessoas se aglomeraram em frente à igreja onde o cantor Caetano Veloso iria se casar. O casamento acabou suspenso pelo padre alegando tumulto e a presença de mulheres de minissaias, que estavam profanando os princípios morais religiosos".

Desastre na SP-304

"Um lamentável acidente de trânsito foi registrado na rodovia Geraldo de Barros (SP-304), entre Piracicaba e São Pedro. Envolveram-se um ônibus, um trator e um vols. O saldo deste acidente foi a morte de quatro pessoas".

Disco voador em Brasília

"Foi visto por milhares de pessoas na noite passada em Brasília um objeto estranho luminoso não identificado. A proximidade era tanta que a luminosidade atraía a atenção de todos".